

De Gonzaga para Londres: etnicidade e preconceito na historia de Jean Charles de Menezes¹

Gláucia de Oliveira Assis

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC

ABSTRACT

This paper aims to re-build the experience of Brazilians in London from the case of Jean Charles de Menezes. Who migrated to London, from Gonzaga, Minas Gerais, and died on the 22nd of July 2005 when he was 'mistaken' for a terrorist. We hope with this article to re-build the route of his life from his family members' verbal accounts as well as from accounts of the national and international press, aiming to discuss how the route of dramatic life and death can help us understand the routes of many emigrants, and also understand the prejudice contexts and hosting society discrimination.

Keywords: International migration, ethnicity, life history, Brazilian emigrants, Brazilians in London.

Este artigo busca reconstruir a experiência de brasileiros em Londres a partir do caso de Jean Charles de Menezes que partiu de Gonzaga Minas Gerais e emigrou para Londres e morreu em julho de 2005, "confundido" com um terrorista. A sua trajetória de vida foi reconstruída a partir dos relatos de seus familiares bem como a partir das notícias nos jornais nacionais e internacionais, procurando discutir como a sua vida e morte dramática pode nos ajudar a compreender as trajetórias dos emigrantes brasileiros e os contextos de preconceito e discriminação na sociedade de acolhimento.

Palavras-chave: Migração Internacional, etnicidade, história de vida, emigrantes brasileiros, brasileiros em Londres.

¹ Este artigo foi apresentado no congresso "Between Past and Future: Oral History, Memory and Meaning - Entre el Pasado y el Futuro: Comprensión de la Historia y Memoria Oral", realizado em Praga, em 2010, numa versão do texto em inglês.

Introdução

Ao longo do século XX, as levas de imigrantes que vieram para o Brasil até meados dos anos 1950 contribuíram para construir a imagem de um país de imigrantes. No entanto, a partir da década de 1970, iniciou-se um movimento de emigração, que se intensificou nas décadas seguintes. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, um significativo contingente de brasileiros foi buscar melhores condições de vida e trabalho vivendo longe de casa – em terra estrangeira. Este novo movimento da população na década de 1990 consolidou a emigração rumo aos Estados Unidos, ao Paraguai, à Europa e ao Japão. Sugeriu uma mudança na imagem do País. De país de imigração, o inseriu nos novos fluxos internacionais de mão-de-obra. Neste mesmo período, foi destino de um novo fluxo, constituído de bolivianos e outros latinos, além de coreanos, africanos – os novos migrantes internacionais *do e para* o Brasil².

Ao longo da década de 1990 e na virada dos anos 2000, este fluxo torna-se contínuo e ampliam-se os locais de destinos dos brasileiros. Vários homens e mulheres se dispersam pelo mundo, configurando um movimento de diáspora brasileira. Os emigrantes partem de cidades de porte médio, como Governador Valadares (MG), Criciúma (SC), Londrina (PR), Maringá (PR) e, mais recentemente, de pequenas cidades como Gonzaga (MG) articulando e configurando redes sociais que conectam amigos, parentes e conterrâneos a alguns pontos específicos nos países de destino, como Boston (EUA) e região, cidades no Japão, Portugal (Porto), Espanha (Barcelona, Madri, Cadiz, Antequera) e Inglaterra (Londres), para citar alguns dos locais onde tem se concentrado os emigrantes brasileiros (Torresan, 1995, Martes, 1999; Sales, 1999; Assis, 1999 e 2004; Fusco, 2005; Silva, 2009, Siqueira, 2006).

Uma das características desse contingente é de grande parte dele ser constituída de trabalhadores migrantes indocumentados, ou sem papéis. Esta característica implica a dificuldade de se saber com precisão o número de brasileiros vivendo no estrangeiro. Calcula-se que entre 2 e 4 milhões tenham passado pela experiência de viver entre dois lugares nas últimas décadas. O fato de grande parte deles ser indocumentada não só dificulta a assistência que poderia ser oferecida ao migrante, como o torna mais vulnerável à exploração no mercado de trabalho, aos baixos salários, à instabilidade no emprego, ao subemprego, à atuação de redes de tráfico de pessoas e à ausência de direitos sociais, assim como expõe homens e mulheres ao preconceito e à discriminação.

Este artigo é parte de um projeto de pesquisa que busca entender as representações sobre os novos migrantes brasileiros rumo à Europa: gênero, etnicidade e preconceito. Tem o objetivo de verificar como a imprensa nacional e internacional tem abordado a presença de imigrantes brasileiros na Europa, em particular no período pós-ataentados de 11 de setembro de 2001, num contexto em que se registra maior criminalização da migração e, novamente, endurecimento das políticas migratórias e maior rigor nas fronteiras. Neste ponto, a partir de alguns acontecimentos dramáticos, como a morte de Jean Charles na Inglaterra em 2005, confundido com um terrorista pela polícia inglesa, pretendo analisar como se constroem as imagens dos imigrantes brasileiros na Europa, procurando cruzar gênero, etnicidade e preconceito.

² Uma revisão bibliográfica sobre os novos fluxos do e para o Brasil se encontra em Assis e Sasaki (2002) e Patarra (2005).

Os brasileiros em Londres são constituídos de homens e mulheres jovens. Os dados oficiais sobre sua presença são imprecisos, dado sua característica de indocumetados. Segundo Evans et al. (2007, p. 4-5):

De acordo com o censo britânico de 2001, havia cerca de 8.000 brasileiros em Londres, ao passo que estimativas não oficiais para o mesmo período indicavam haver entre 15.000 e 50.000 (Cwerner, 2001). Organizações brasileiras sediadas no Reino Unido, assim como analistas, estimam que o número de brasileiros no país todo seja de cerca de 200.000. A grande maioria, entre 130.000 e 160.000 indivíduos, encontra-se em Londres. Somente no bairro de Brent, estima-se que haja cerca de 30.000 brasileiros. Existe, também, uma grande comunidade em Stockwell, no Sul da capital, enquanto que o distrito de Bayswater, no centro londrino, há muito é chamado de 'Brazilwater' por brasileiros, indicando a sua grande presença na área.

No início do século XXI, um número crescente de brasileiros foi tentar a vida em Londres. Eles se diferenciam de uma primeira leva de brasileiros e outros latino-americanos que chegaram à cidade ainda na década de 1970, à época um contingente constituído de estudantes e profissionais liberais, que até os anos 2000 não chegou a ser expressivo. Conforme observa Frangella (2010), a grande virada na emigração brasileira para o Reino Unido ocorreu a partir de 2001, com o aumento das restrições para os Estados Unidos, em função dos atentados de 11 de setembro. Segundo a autora, essa situação ocasionou o endurecimento das medidas de controle nas fronteiras, razão que conduziu os brasileiros a buscarem uma rota alternativa redirecionando o fluxo para a Europa, tendo como um de seus destinos o Reino Unido. A esta análise de Frangella, acrescentaria que não apenas há um incremento no volume da migração, mas também uma ampliação dos pontos de saída do Brasil. Já não são apenas jovens de classe média e dos centros urbanos. O movimento migratório - alimentado pelas redes de parentes, amigos e conterrâneos - espalha-se para pequenas cidades do interior em virtude das notícias vindas do exterior, dos dólares e dos sonhos de uma vida melhor que encorajam jovens e eventualmente outras faixas etárias a se aventurar. Neste caso, não apenas para aprender inglês, ou conhecer a Europa. Preserva-se a característica do migrante: jovem, na maioria, e trabalhador em busca de trabalho.

Frangella (2010) descreve esses *migrant workers* como pessoas de diferentes regiões do Brasil, que emigram por razões prioritariamente econômicas. Segundo a autora, eles têm por objetivo ganhar dinheiro para auxiliar a família no Brasil ou poupar dinheiro para voltar ao lugar de origem e melhorar suas condições econômicas. Da mesma forma, não dominam o idioma inglês e se inserem em trabalhos não qualificados, isto é, num mercado de trabalho secundário³. O projeto migratório dos brasileiros em Londres é, por isso, semelhante ao dos que migravam rumo aos Estados Unidos, conforme análise de Sales (1999), Assis (1999), ou rumo a Portugal e Espanha (Silva, 2009).

³ Tal mercado é caracterizado por serviços de baixa qualificação, alta rotatividade voluntária de emprego, baixos salários e pouca possibilidade de ascensão na hierarquia ocupacional (Piore - Doeringer, 1971). Em contraposição, o mercado primário seria caracterizado por estabilidade no trabalho, altos salários e possibilidades de ascensão hierárquica. O mercado secundário, em geral, é destinado aos imigrantes, às minorias étnicas, às mulheres e aos jovens.

Jean Charles de Menezes é um dos migrantes que buscaram a Europa como alternativa ao projeto migratório: tinha como projeto melhorar de vida. Assim começa a sua história.

Sua breve história de vida - saiu de Gonzaga rumo a Londres para “Fazer Londres” - revela como a maior vigilância na fronteira do México com o Estados Unidos, aliada à dificuldade de conseguir visto de entrada, tem levado os brasileiros a procurarem novas rotas de migração, novas oportunidades e trabalho no mundo globalizado. Num contexto de “guerra contra o terror”⁴, esses migrantes são vistos como perigosos e classificados como ameaça, principalmente se forem homens, jovens e tiverem “aparência” suspeita. Da história de vida de Jean Charles temos apenas fragmentos, coletados em jornais, revistas e sites de internet. Mesmo assim, procuraremos reconstruir sua biografia a partir de elementos extraídos de jornais, ouvidos de seus familiares e manifestados pela polícia. Estas são as memórias possíveis de se acionar. Procuraremos, em sua trajetória de vida e em sua morte dramática, compreender os contextos de preconceito e discriminação nas sociedades de acolhida.

As fontes utilizadas para essa pesquisa foram jornais e revistas *online*, *sites* e comentários disponíveis na internet sobre o tema no período de 2005 a 2009. A partir deles, procuramos refazer a trajetória de vida de Jean Charles da cidade de Gonzaga e de sua vida em Londres.

Diferentes vozes e perspectivas de sua biografia nos permitem diferentes reconstituições, o que dá razão a Bourdieu (1997) que fala em ilusão biográfica, ao afirmar que as biografias são reconstruções das quais selecionamos elementos para recompor relatos orais. Neste caso particular, estamos procurando compreender que memórias foram selecionadas para reconstruir a história de vida de Jean Charles e quem as aciona.

A História Oral na Pesquisa sobre Migrações contemporâneas – fontes para história do tempo presente

A história oral é uma fonte significativa para apreendermos a experiência migratória, pois nos permite “dar voz” as experiências vividas pelos migrantes e que muitas vezes não se encontram registradas em outras fontes de pesquisa. Conforme observado por Assis, Meriz e Francisco (2007), num estudo que pretende reconstruir a trajetória de vida de migrantes, a metodologia oral por vezes é reveladora e imprescindível. O relato oral busca, ao focar a experiência migratória, reconhecer que os informantes são agentes sociais e históricos do processo migratório. São eles que vivem experiências de vida e falam sobre elas, fazem e narram sua história. Ao refletir sobre suas histórias de vidas e ao narrá-las, criam significações para suas ações e seus imaginários. Através dos relatos que constroem acerca de sua experiência migratória reconstróem, revelam e esclarecem a experiência de migrar, permanecer e retornar.

As experiências de vida coletadas nos relatos orais e nos estudos de migração também podem ser observadas em outras narrativas, como as cartas

⁴ A expressão foi utilizada pelas autoridades norte-americanas, e também britânicas, para justificar sua política de endurecimento nas fronteiras, em busca dos responsáveis pelos atentados de 11 de setembro de 2001 bem como a Guerra deflagrada contra o Iraque e o Afeganistão na busca dos terroristas que causaram os atentados. .

escritas a parentes e amigos, em romances, diários escritos pelos emigrantes do final do século XIX e início do século XX, em relatos de jornais. A migração de brasileiros para o exterior também conta com análises de suas trajetórias a partir de suas narrativas pessoais (Assis, 1995; Sakurai, 1993). Hoje em dia, no entanto, as cartas já não são o principal meio de comunicação entre os imigrantes, uma vez que os modernos meios de comunicação (telefone, internet, etc.) possibilitam maneiras mais rápidas e frequentes de interação. Segundo Seyferth (2005) ao analisar as cartas escritas por imigrantes e seus parentes observa que:

[...] percebe-se o quanto elas [as cartas] têm a dizer sobre as relações sociais, as trajetórias individuais e familiares e os sentimentos, as crenças e as dificuldades daqueles que deixaram suas comunidades natais para 'fazer América' no período correspondente a grande migração (Seyferth, *idem*, p. 19).

Analisando as narrativas dos emigrantes contemporâneos, Assis (1999) evidenciou como as cartas do início da década de 1990 construíram relatos sobre a experiência na "América", ao mesmo tempo em que falavam da "vida lá", do trabalho, da moradia, das dificuldades, das saudades, perguntavam da "vida aqui", dos investimentos, dos projetos de retorno, demonstrando como, por esse meio, construíam/ reforçavam os laços com o Brasil e com os que haviam permanecido, configurando um campo de relações transnacionais. Neste início de século XXI, as cartas já não são o principal meio de comunicação nem o único registro das experiências migratórias. Os emigrantes recorrem a outros meios, como *e-mails*, *blogs*, *Orkut*, uma linguagem mais rápida e fluida, que ainda carece de uma metodologia pensada e analisada. Neste sentido, constituem uma nova fonte de referência, indispensável para a reconstrução das trajetórias de migração, uma vez que refletem a vida cotidiana, incorporam seus relatos orais.

Assim, seja na carta escrita, seja no relato oral, existirá sempre alguma subjetividade, uma vez que em ambos os casos o migrante seleciona aquilo que fala, bem como aquilo que escreve e fala de um tempo que é o tempo da memória, ou seja, como ele reconstrói sua trajetória. No caso do relato oral, se, de um lado, ele rememora histórias de sua vida, de outro, fala também de um processo social pelo qual é tomado, o contexto do qual faz parte e do qual não pode ser analisado separadamente, porque diz muito sobre ele, sendo ele parte desta totalidade.

No caso em análise, a reconstrução da trajetória de vida de Jean Charles será realizada utilizando os relatos de parentes que são reconstruídos a partir de relatos e das notícias extraídas dos jornais. Estamos cientes de que não passam de fragmentos de sua biografia, mas buscaremos, a partir deles, trazer elementos que nos ajudem a compreender a vida cotidiana dos imigrantes brasileiros em Londres.

A trajetória de migração de Jean Charles

Jean Charles de Menezes nasceu em Gonzaga estado de Minas Gerais, dia 7 de janeiro de 1978, e se criou na área rural, interior do município. Saiu de casa cedo, aos catorze anos, para morar com seu tio em São Paulo, para continuar seus estudos. Aos 19 anos recebe diploma técnico em eletrônica, da Escola Estadual São Sebastião. Assim como muitos outros jovens, não só de

Minas Gerais, mas de várias regiões do Brasil, partiu em busca de melhores possibilidades de emprego, ou qualidade de vida. Entrou no Reino Unido em 2002, com um visto de estudante. Cerca de três anos depois foi morto, com 8 tiros, por agentes da polícia, ao ser confundido com Hussain Osman, procurado por suspeita de envolvimento em ataques terroristas em Londres.

Os relatos da família de Jean Charles

Os relatos dos familiares, veiculados pela imprensa, *blogs*, *fóruns online* e outras páginas da internet trazem a idéia de um jovem pacato, bem-intencionado e trabalhador.

No dia 23 de julho de 2005, um dia após sua morte, a Rede Globo de televisão⁵ foi à casa dele em Gonzaga, a aproximadamente 300 km de Belo Horizonte, entrevistar a família. Na entrevista concedida a reportagem do Jornal Nacional um amigo pessoal, Romir Pereira do Nascimento, declarou:

Ele era amigo pra jogar bola, sair pra apanhar passarinho pelos mato afora. Por que nós foi criado no município, no interior de Gonzaga [...]. Sei lá, não gosto nem de lembrar, recordar daqueles momento, por que é difícil perder um amigo como o Jean (Boccanera - Gilz, 2005).

A avó de Jean, com saúde frágil e a quem ele havia visitado meses antes no Brasil, lamentava:

Esse neto pra mim era um neto do meu coração, um menino muito inteligente, muito trabalhador, muito educado. Então era um neto que eu podia falar que eu trazia no meu coração. E tive grande sentimento de ter acontecido o que aconteceu [...]. Meu Deus do céu [...] (Boccanera - Gilz, 2005).

No dia seguinte, 24 de julho, seu primo, Alex Alves Pereira, descreveu-o à BBC de Londres como sendo “uma pessoa que aprendeu o ofício de eletricitista sozinho e lutou para ter uma vida melhor porque de onde ele vinha tudo era muito difícil”.

Alex ainda acrescentou que o primo nunca correria da polícia, pois segundo seu relato, Menezes falava inglês fluentemente e já havia sido revistado pela polícia há cerca de um mês. (Acampora, 2005). Num novo depoimento quando estava prestando depoimento sobre as circunstâncias da morte de Jean Charles no qual re-afirmou que “não tinha motivos para temer a polícia”, pois continua “é normal para brasileiros serem parados pela polícia” (BBC, 2008).

Alex, como é chamado Alessandro Pereira, logo após a morte do primo e por morar em Londres na época, representou uma das vozes da família na busca por justiça para o caso. Três semanas após a morte de Jean deu a seguinte declaração publicado no Jornal *The Independent* na sessão de Opinião:

Jean Charles de Menezes tinha 27 anos, ele era um jovem brasileiro que veio para Londres cheio de sonhos e esperanças. Ele amava Londres. [...] Ele estava tão feliz de poder chamá-la de seu lar. Eu quero que as pessoas de Londres se

⁵ A Rede Globo de televisão é uma rede de televisão brasileira fundada em 1965 e que se constitui no canal de maior audiência no país.

lembrem de que ele era exatamente como eles. Ele estava para o trabalho de metrô, como milhões de nós fazemos todos os dias. Exceto pelo fato de que no dia 22 de Julho, enquanto ele ia trabalhar, ele foi assassinado (Pereira, 2005)⁶.

É interessante observar que os amigos e parentes reiteram a imagem de imigrante trabalhador. A mesma imagem com que Teresa Sales (1999) e outros pesquisadores descrevem os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Em sua maioria indocumentados, sempre se autodefinem como trabalhadores e, de fato, trabalham muito. Jean, assim como outros brasileiros na Inglaterra, trabalhava na construção civil e fazia “bicos” que poderiam render algum dinheiro extra. Quando foi morto, tinha saído de casa em busca de um novo trabalho, como outros imigrantes na cidade.

Segundo o levantamento realizado por Evans et al. (2007), buscando traçar um perfil dos brasileiros em Londres, dois tipos de trabalho predominaram na listagem: 33% em limpeza (de escritórios ou casas), contra 25% em hotéis, bares e restaurantes. Outros trabalhos mencionados foram os de motorista (10%) e construção civil (9%). Como relata Abdalmalek Sayad (1998), o imigrante se define pelo trabalho, não há imigração sem trabalho. Jean fazia parte desse contingente, era um trabalhador que não conseguindo emigrar para os Estados Unidos buscou fazer a vida em Londres. Era com esse trabalho que fazia remessas ao Brasil para ajudar sua família e, ao mesmo tempo, com que conseguia manter-se naquele país.

Os pais de Jean, Matozinhos e Maria Otoni, viram sua vida transformada pela morte do filho. Destacam, em seus relatos, que o filho migrou para ajudá-los e falam da busca por justiça:

A indenização ainda deve demorar, a gente sabe disso, mas nossa necessidade é urgente. A situação aqui está muito difícil. Com a seca perdi dois bois. Ninguém mais quer mexer com plantação e cultivo. Aí o gado fica parado enquanto deveria estar trabalhando. O Jean foi para o exterior justamente para nos ajudar, mas eles interromperam a vida dele. Por isso devem nos pagar, porque até agora somos nós quem estamos perdendo nessa história, relata o pai ao Jornal. (Redação Terra, 2007)

Da mesma forma, a mãe, Maria Otoni, destaca:

Nosso filho nos ajudou muito nos quatro anos em que viveu na Inglaterra. Foi com o dinheiro que ele mandava de lá que conseguimos reformar a nossa casa e eu pude fazer os tratamentos que precisava, porque sempre fui muito doente (*ibidem*).

⁶ He was a young Brazilian who came to London full of dreams and hopes. He loved London. He loved its vibrancy, he loved the fact it was home to so many different people from around the world. He was so happy to call it his home. I want the people of London to remember that he was just like them. He was going to work on the Tube, like millions of us do every day. Except that, on 22 July, as he went to work he was murdered (tradução da autora).

Repercussões da morte de Jean Charles na Imprensa

Como mencionado, a imprensa da Inglaterra veiculou muito mais notícias sobre Jean Charles. As reportagens são produzidas por diversas agências, desde as maiores do mundo, como a BBC, até as independentes, de pequena expressão. Por parte das grandes agências, as reportagens são bastante detalhadas e têm muito retorno do público (seja através de comentários, postados ou em páginas que reproduzem e comentam o texto original).

A imprensa britânica ressalta a condição de Jean como inocente e da família como injustiçada, principalmente à medida que mais e mais fatos foram sendo revelados, mostrando como a polícia mentiu. Nas primeiras notícias, veiculadas imediatamente após a sua morte, a polícia britânica informou que o jovem teria agido de forma suspeita e fugido, fato rapidamente desmentido pelas imagens que mostraram seus últimos momentos de vida quando entrava no metrô "caminhando", o que prova que Jean não agiu de forma suspeita; não correu da polícia e não usava jaqueta volumosa, como haviam alegado os policiais.

Os jornais britânicos parecem evitar discutir a sua condição de imigrante, com um visto de permanência falsificado, assim como o de milhares de outros em situação semelhante, e de que Jean provavelmente não teria morrido não fosse ele classificado como parecido com um grupo étnico colocado sob suspeita e como ameaça à nação.

Abordaremos agora as mais recentes revelações das investigações, as novidades do processo criminal aberto pela família e quais foram as últimas declarações dos envolvidos (governantes, representantes da polícia, advogados e familiares).

Em fevereiro de 2009, os jornais britânicos anunciavam que a Justiça do Reino Unido havia decidido não acusar a polícia pela morte de Jean Charles em reportagem intitulada: "*Família de Jean Charles desiste de processar agentes britânicos*" (Folha Online, 2009). Na reportagem que relata que segundo Vivian Figueiredo, prima de Jean Charles, a família de Jean havia desistido de processar os policiais envolvidos no caso, quando a promotoria britânica decidiu que nenhum policial seria processado pelo crime. No entanto ainda segundo relato de Viviane, o abandono do processo criminal em relação aos policiais não significava que os parentes tenham renunciado à luta para conseguir justiça.

Estamos todos em estado de choque e simplesmente não podemos entender como o assassinato deliberado de um homem inocente e a tentativa da polícia metropolitana [de Londres] de acobertar isso não acaba em um processo criminal (*ibidem*).

A família de Jean Charles permaneceu lutando por justiça, mas sua morte passou a ser tratada como um caso inconcluído pela promotoria, o que dificultou a punição dos policiais e a indenização da família.

Em nome da família, Figueiredo ressaltou que "a investigação trouxe a verdade à luz para que o público a visse". Ela lamentou que as autoridades desejassem que "esqueçamos a verdade para evitar que consigamos justiça". "Mas nunca esqueceremos", completou (*ibidem*).

Para relembrar a morte de Jean e a luta por Justiça a família de Jean inaugurou um memorial permanente em homenagem a ele na estação *Stockwell*, em Londres, local onde ele foi baleado e morto. Nesse local, amigos, parentes e pessoas que se sensibilizaram com a sua morte e que continuam a apoiar a luta por justiça levam flores e velas para manter viva sua lembrança (Craveiro, 2009).

Em novembro de 2009, os parentes de Jean Charles receberam uma indenização de 100 mil libras, o equivalente a R\$ 288.000,00. O cálculo desse valor teria levado em conta o fato de que a família Menezes era muito pobre e não podia esperar muito apoio financeiro do eletricitista. Também pesaria o fato de que Jean Charles não era casado nem tinha filhos (Estado de São Paulo, 2009). Segundo matéria publicada também sobre o tema no *Jornal o globo* (Goes, 2009) a reação dos pais foi de indiferença ao tomarem conhecimento do acordo indenizatório.

É difícil estipular quando ele valia, né? Porque nunca vai recompensar. Nenhum dinheiro paga a vida do meu filho Ninguém sabe o quanto sofre uma mãe que perde um filho. Sinceramente, eu queria morrer no lugar dele, relatou a mãe de Jean (*ibidem*).

Estes relatos revelam que a morte do jovem mineiro alterou a vida cotidiana de seus familiares, da pequena cidade de Gonzaga e dos próprios imigrantes brasileiros em Londres.

Reações xenófobas

A internet, cada vez mais, tem sido um meio sem igual para aqueles que querem praticar a liberdade de expressão. No caso de Jean Charles, a imprensa de grande porte teve papel determinante junto à opinião pública, ao evitar a discussão quanto à sua situação como imigrante em Londres.

Os *blogs*, em especial, mais que a mídia em geral, lhe dedicaram maior atenção justamente pelo fato de ser imigrante e indocumentado. Discutiam esses aspectos, sua eventual ligação com a morte dele e as medidas que deveriam ser tomadas. Ao contrário da mídia, os *blogs* não são profissionais e, talvez por isso, não investigam as questões muito a fundo; não se preocupam com as repercussões de um texto muito sincero ou muito espontâneo. Assim, tendem a especular livremente, com base em fatos pouco claros.

Por outro lado, grupos conservadores, críticos ou contrários à presença de imigrantes, sobretudo à dos indocumentados, utilizaram a morte de Jean como um ícone do “problema”.

Mesmo assim, vimos a repetição de um discurso. Muitos *blogs* e páginas independentes abordam o acidente como um erro da polícia, sim, mas não como a morte de um inocente.

Existe, aliás, o *blog* (demenezeswasanillegal.blogspot.com), ou “Menezes era um ilegal”, que afirma que não se deve “buscar nenhuma compensação pelo caso de Jean Charles, pois ele era um criminoso”. O *blog* foi criado logo após o acidente e é inteiramente dedicado à idéia de que Jean não morreu por cometer um crime, mas na época em que cometia um crime: o crime de estar “ilegal” em Londres, atentando, dessa forma, segundo o autor, contra a economia e a qualidade de vida londrina. Dessa forma, continuava, punir oficiais e,

principalmente, indenizar a família seria lesar ainda mais o contribuinte inglês por conta de alguém que *“tanto atentou contra o nosso bem-estar”*.

Nove dias depois da morte de Jean, quando ainda se pensava que ele havia corrido da polícia, outro *site* de pequeno porte (rottypup.com ou *“Filhote de Rottweiler”*) publicou um artigo intitulado *“Jean Charles: de meliante a mártir em oito tiros”* (Jean Charles de Menezes: From Crook To Martyr In Eight Shots). Em seu comentário sobre uma reportagem da BBC, o autor afirma que *“Jean Charles era um imigrante ilegal, um mentiroso, um forjador, um fraudante e um fugitivo da justiça”*. Prossegue, em sua eloquência: *“Bem, vamos direto ao ponto: Londres é uma capital menos rica do que poderia ser se parasitas como Jean Charles não nos estivessem sugando do jeito que centenas de milhares o fazem.”*

Os relatos acima são coletados em *blogs* que a maioria dos brasileiros não acessa, por não ler e/ou não escrever em inglês. Os seus relatos expressam como a xenofobia e sentimentos anti-imigrante têm aumentado nos últimos anos e revelam como a criminalização constante da migração e dos emigrantes justificam, para esse grupo, a ação da polícia, pois, afinal, ele *“não era inocente”*, conforme procuram frisar no relato, e seu *“crime”* era ser imigrante ilegal e sobrecarregar o Estado britânico por não pagar impostos.

Os defensores dos direitos dos imigrantes

Inicialmente, esperávamos encontrar, em meio a tamanha repercussão do caso, mais declarações por parte dos grupos defensores dos direitos dos imigrantes, apoiando-se no exemplo da morte de Jean para argumentar contra a criminalização da imigração, contra a discriminação étnica e as ofensas aos direitos humanos.

Deparamos-nos, de fato, com várias declarações neste sentido, mas ínfimas se comparadas ao número de discursos que evitam mencionar o fator imigração e àqueles que falam contra os imigrantes. Nos relatos, Jean Charles é descrito a partir de sua *“assinatura corporal”*, identificado, por sua aparência, como muçulmano ou como negro. Em ambos os casos é no corpo, nos traços fenotípicos que aparecem as marcas que o distinguem dos ingleses que o tornaram não-branco e, portanto, suspeito.

O artigo *“Crescente onda de xenofobia: o multiculturalismo precário da Austrália”*, de Ghali Hassan (*Rising Tide of Xenophobia: Australia's Shallow Multiculturalism*) comenta o artigo de Richard Drayton (2005) publicado no jornal The Guardian e afirma:

O senhor Menezes não era um *“terrorista”* muçulmano, mas sabemos que ele se parecia como um muçulmano e carregava a *“assinatura no corpo”* de muçulmano. O jovem brasileiro se parecia como um muçulmano comum, e por isso ele era um alvo. Com as novas leis draconianas anti-terrorismo, execuções semelhantes a esta de pessoas inocentes poderiam facilmente ocorrer na Austrália.

Richard Drayton segue uma linha de argumentação semelhante ao escrever o artigo *“A prosperidade do Ocidente foi obtida com a exploração da África”* (Drayton, 2005).

Se a “*assinatura Africana*” não fosse visível no corpo do brasileiro Jean Charles de Menezes, teria ele sido morto com tiros em um metrô em Stockwell? O cabelo levemente crespo, sua pele bege claro, transmitiram algo que foi erroneamente interpretado pela polícia como *perigo estrangeiro*⁷”.

A situação vivenciada por Jean Charles que culminou em sua morte pela polícia tem sido lembrada e acionada quando outras situações de morte de brasileiros ocorrem como os brasileiros que morrem tentando atravessar a fronteira do México ou em batidas policiais que tem ocorrido com cada vez mais frequência nos Estados Unidos. Esses fatos apontam para um processo de criminalização das migrações que tem resultado em maior preconceito e vulnerabilidade aos imigrantes.

Considerações Finais

Voltando ao início de nosso relato, Jean Charles de Menezes, de Minas Gerais, morava em Londres havia três anos quando, em 22 de Julho de 2005, foi confundido com um terrorista e alvejado sete vezes no rosto e uma vez no ombro.

Jean saiu de Gonzaga, interior de Minas Gerais, rumo a Londres, para se encontrar com amigos e parentes que já lá residiam. As redes sociais, ou seja, os amigos e parentes de sua cidade natal, explicam por que um mineiro de uma cidade pequena, e aparentemente distante, se conectou com a global Londres. A sua história foi reconstruída a partir dos relatos presentes nos jornais de circulação nacional e das reportagens publicadas nos jornais britânicos, disponíveis *online*. A tragédia ocorreu duas semanas após os atentados a bomba que vitimaram 52 pessoas (24 delas eram imigrantes estabelecidos em Londres). No dia seguinte, novas tentativas de atentado ocorreram. A polícia, comprovadamente, mentiu de várias formas para tentar justificar a ação, mas tem ficado claro que o maior, senão o único, indício contra Menezes foi sua aparência, sua identidade como estrangeiro, como alguém estranho e, assim, perigoso para a sociedade. Durante as semanas que se seguiram aos atentados de Londres, as atitudes e os sentimentos xenofóbicos foram elevados aos extremos em todo o país, do mesmo modo que a vida - ou, nesse caso, a morte de Jean Charles - expressa as tensões e os limites de viver como trabalhador indocumentado na Europa nesse início de século XXI.

A migração contemporânea tem colocado questões significativas para a cidadania no mundo globalizado. Num mundo em que as fronteiras se tornam mais fluidas para viajantes, turistas, homens de negócio, os trabalhadores migrantes enfrentam cada dia mais dificuldades de cruzá-las; quando as atravessam, temem ser deportados, não poder realizar o sonho de ir para a Europa e trabalhar num país estrangeiro. A história de vida de Jean Charles, ou seus fragmentos, aqui recolhidos, demonstram que para os imigrantes indocumentados a circulação é vigiada e tratada cada vez mais como uma questão de segurança nacional, que os coloca como suspeitos, criminalizando o ir e vir desses trabalhadores no mundo globalizado. A história de Jean,

⁷ “Had Africa's signature not been visible on the body of the Brazilian Jean Charles de Menezes, would he have been gunned down on a tube at Stockwell? The slight kink of the hair, his pale beige skin, broadcast something misread by police as foreign danger.” (Drayton, 2005).

infelizmente, demonstra como a “luta contra o terror” tem ocasionado medo, perseguição, preconceito, xenofobia e morte entre os imigrantes.

Bibliografia

- ACAMPORA, Ricardo. “Brasileiro estava legalmente na Grã-Bretanha”. BBC Brasil, <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/07/050723> (acessado em: 25/10/2007).
- ASSIS, Gláucia de O. - Tiago W. MARTINS. *De Gonzaga para Londres, a história de Jean Charles de Menezes e seus significados no contexto da migração contemporânea*. IV Encontro Regional Sul de Historia Oral, Florianópolis, 12 a 14 de novembro de 2007.
- Gisele MERIZ - Elton FRANCISCO. *As conexões entre o Brasil e os Estados Unidos: uma análise das redes sociais em Governador Valadares (MG) e Criciúma (SC) a partir de relatos orais*. IV Encontro Regional Sul de Historia Oral, Florianópolis, 12 a 14 de novembro de 2007.
- ASSIS, Gláucia de O - Elisa M SASAKI. “Os novos migrantes do o e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica”. In: CASTRO, Mary Garcia (Coord). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas Brasil, 2000*. Brasília, CNPD, 2001. (pp. 615-669).
- ASSIS, Gláucia de O - Elisa M SASAKI. “Estar aqui... Estar lá: uma cartografia da emigração valadarense para os Estados Unidos”. Em REIS, Rossna R. e SALES, Teresa. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Boitempo, 1999.
- BOCCANERA, Silio e Sergio Gilz . “Erro fatal. Homem morto por policiais era brasileiro” <http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1001063-3586,00.html> (acessado em: 22/10/2007).
- BBC. “Primo diz que Jean Charles não tinha razão para temer polícia”. http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080924_jeancharlesimagesn_fp.shtml (acessado em: 25/10/2008).
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”, em BOURDIEU Pierre *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*, Campinas, Papirus, [1996] 2007.
- CWERNER, S “The Times of Migration”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27, (1). 2001. (pp 7-36).
- CRAVEIRO, Rodrigo. Família de Jean Charles inaugura novo memorial, *Correio Braziliense*, 22 de julho de 2009. <http://www.conac.org.br/imprensa/brasileiros-no-mundo/europa/5006> (acessado em: 15/05/2010).
- DRAYTON, Richard. “The wealth of the west was built on Africa's exploitation” *The Guardian*, August, 20, 2005. <http://www.guardian.co.uk/politics/2005/aug/20/past.hearafrica05> (acessado em: 15/09/2007).
- EVANS, Yara et al. *Brasileiros em Londres: Relatório para a campanha De Estrangeiros a Cidadão (Strangers into citizens)*. Departmen of Geography, Queen Mary, University de London, 2007.
- REDAÇÃO FOLHA online. “Família de Jean Charles desiste de processar agentes britânicos”. *Folha Online*, Mundo. 13/02/2009. www.folha.com.br

- <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u503520.shtml>.
(acessado em: 20/02/2009).
- FRANGELLA, Simone. "O *Made in Brasil* em Londres migração e os bens culturais". *Travessia - Revista do Migrante*. Publicação do CEM, São Paulo, n. 66, Janeiro/junho de 2010. (pp. 33-43).
- GLICK-SCHILLER Nina - BASH Linda - BLANC-SZATON Cristina. *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, an nationalism reconsidered*. New York, New York Academic of Sciences, 1992.
- GÓES, Ângela. "Pais de Jean Charles não foram informados sobre acordo indenizatório com Scotland Yard". *O Globo*. [www.oglobo.globo.com/mundo/mat/2009/11/23/Publicada em 26/11/2009](http://www.oglobo.globo.com/mundo/mat/2009/11/23/Publicada-em-26-11-2009). (acessado em: 05/04/2010).
- HASSAN, Ghali. "Rising Tide of Xenophobia: Australia's Shallow Multiculturalism", *Global Research*, September 27, 2005.
- MARTES, Ana Cristina. B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- PEREIRA, Alexandre. "Why did Ian Blair say my cousin was a terrorist?" *The Independent, Opinion*, London, 20 de agosto de 2005. <http://www.independent.co.uk/>, (acessado em: 25/08/2007).
- PIORE, Michael J. - DOERINGER, Peter B. *Internal labor markets and manpower analysis*, Lexington, Mass, Heath, 1971.
- REDAÇÃO TERRA. À espera da indenização, família de Jean Charles sofre com a seca. www.noticias.terra.com.br/mundo/noticias, [05/03/2009].
- SAYAD, Abdalmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Editora da USP, 1998.
- SAKURAI, Célia. *Romanceiro da imigração Japonesa*. São Paulo, Editora Sumaré, FAPESP, 1993. (Série Imigração: v. 4).
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo, Cortez, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. "Cartas e narrativas biográficas no estudo da migração", em DEMARTINI Fabri - DE BRITO Zeila - TRUZZI Osvaldo. *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. São Paulo, EDUFSCar, 2005. (pp. 13- 53).
- SILVA, Adriano L. *Migrações Internacionais e mundos do Trabalho: brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC, Florianópolis, 2009.
- SIQUEIRA, Sueli. *Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno*. 2006. 200f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- TORRESAN, Angela. "Ser brasileiro em Londres". *Travessia – Revista do Migrante*. Publicação do CEM, São Paulo, n. 23, setembro-dezembro, 1995. (pp. 35-38).
- THOMAS, William - Florian ZANANIECKI. *The polish peasant in Europe and America*. Chicago, University of Illinois Press, 1984. (Série Imigração: v. 4).

Gláucia de Oliveira Assis

É professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) onde atua na graduação e pós graduação nos programas de Mestrado em História e

Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócio-ambiental. É graduada em Ciências Sociais pela Univale (1987), mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Sta Catarina (1985) e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2004). Tem desenvolvido pesquisas e publicado na temática de migrações contemporâneas abordando as reconfigurações nas relações familiares e de gênero e identitárias vivenciadas pelos emigrantes brasileiros na contemporaneidade.
Contato: galssis@gmail.com